

A Selvagem Grande e a Selvagem Pequena distam 15 quilómetros uma da outra. Existem dois países mais pequenos em área que as Selvagens: o Vaticano (44 hectares) e o Mónaco (195 hectares). A Selvagem Grande tem uma área equivalente a 245 campos de futebol.



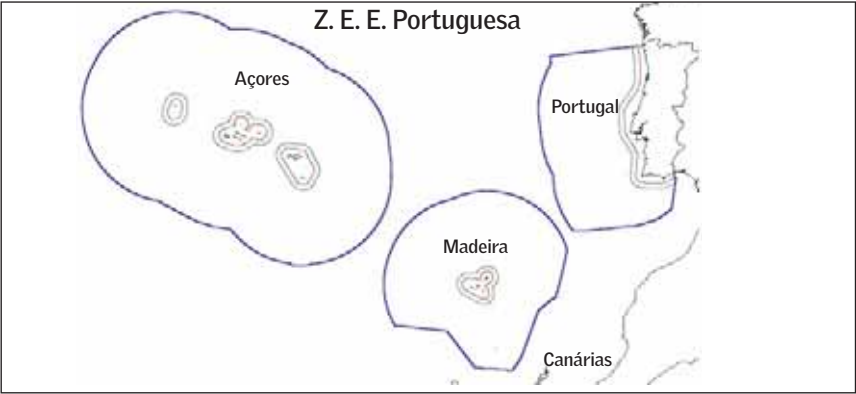
As ilhas Selvagens constituem uma das mais importantes colónias de aves marinhas do Atlântico. No caso da Selvagem Grande, assumem particular importância as populações de cagarra (*calonectris diomedea*), de alma-negra (*bulweria bulwerii*), de pintainho (*puffinus assimilis*) e de roquinho (*ocanodroma castro*), bem como ainda de calca-mares (*pelagodroma marina*). É de referir ainda a população de corre-caminho (*anthus berthelotti canariensis*) ali existente. Na Selvagem Pequena, destacam-se as colónias de calca-mares e a nidificações ocasionais de gaivina-rosada (*sterna dougallii*) e gaivina-de-dorso-preto (*sterna fuscata*).



A bordo da corveta NRP João Roby viajaram para as Selvagens três vigilantes do Parque Natural da Madeira que foram substituir outros tantos colegas que terminaram a habitual comissão de 21 dias.



A vegetação endémica da Selvagem Grande e a população de cagarras - que esteve em perigo devido à caça intensiva de que foi alvo durante anos - têm vindo a recuperar satisfatoriamente. Depois da retirada total das cabras e dos coelhos, os ratos estão desde algum tempo dados como extintos, isto a julgar pela total ausência de roedores apanhados nas armadilhas que ainda continuam no terreno.



gens atingiu talvez o seu nível mais “quente”. Entre Abril e Outubro de 1996, as ilhas foram sobrevoadas - voos rasantes - por parte de aviões militares espanhóis e até houve lugar à simulação de aterragem de um helicóptero na Selvagem Grande.

Coincidência ou não, a questão das Selvagens voltou a ganhar relevância em meados da década seguinte e novamente com os “nuestros hermanos” na liderança. Mas desta feita os protagonistas foram pescadores furtivos, oriundos das Canárias, a revelar um total desrespeito pela autoridade portuguesa e, pior ainda, a ameaçar a vida dos vigilantes do Parque Natural, na Selvagem Pequena, em Junho de 2005.

No episódio mais perigoso de todos, que foi avançado pelo DIÁRIO, o bote dos vigilantes do Parque Natural da Madeira destacados na Selvagem Pequena foi abalroado por uma

de duas lanchas de grande potência quando ia solicitar a sua retirada. No incidente, um vigilante e um biólogo foram ainda ameaçados pelos pescadores espanhóis que empunhavam uma arma de fogo e espingardas de caça submarina.

A gravidade da situação levou então o Governo da República, através da Marinha de Guerra, a tomar a decisão inédita de enviar, de forma aleatória mas frequente, efectivos e meios militares para o subarquipélago. E em boa hora o fizeram, já que, ao que tudo indica, em consequência dessas missões o mar das Selvagens só tem sido sulcado por embarcações e navios que respeitam a natureza e a lei.

A força de oito fuzileiros da Armada e dois elementos da Polícia Marítima que desembarcou durante a

manhã de sábado na Selvagem Grande vai permanecer na zona cerca de um mês. A projecção desta força através da corveta NRP João Roby - navio que atinge uma velocidade máxima de 22 nós e que possui uma guarnição total de 72 militares - serviu o propósito de transmitir um sinal claro de que a Marinha de Guerra de Portugal está atenta ao que se passa nas ilhas Selvagens e que está a envidar esforços para que os seus navios sulquem com mais frequência os mares do extremo sul do território nacional.

Convém sublinhar que a fragata NRP “Corte-Real” fez questão de bordejar as Selvagens, em Abril deste ano, quando em trânsito para uma missão de apoio à política externa em Angola e, depois, pairar ao largo das ilhas durante algumas horas no regresso para Lisboa, num movimento claramente programado para ser “acompanhado” pela Marinha Real

espanhola.

O tempo de missão dos fuzileiros será preenchido com várias acções de patrulhamento terrestre e marítimo, a exemplo do que vem sendo levado a cabo desde o ano passado, após os incidentes com pescadores ilegais. A força está vocacionada para a realização de operações anfíbias, reconhecimento costeiro e abordagem de navios em alto mar, contando para o efeito com três botes Zebro. Está armada com metralhadoras G3.

As patrulhas, quer as terrestres como as marítimas, contam com a participação dos vigilantes do Parque Natural da Madeira. Se no primeiro caso é preciso guiar os “fuzos” pelos trilhos por forma a não serem provocados estragos na plantas endémicas e nos ninhos de várias espécies de

aves que existem no chão, no segundo é preciso alguém que conheça bem a zona, pois a navegação naquelas águas é extremamente perigosa devido à existência de imensas ilhotas e rochedos submersos a baixa profundidade e que podem aflorar inadvertidamente com o efeito da ondulação ou da maré.

Após a missão em curso, que é coordenada pela Autoridade Marítima Nacional, com o apoio do Comando Naval e da Zona Marítima da Madeira, deverá suceder-se uma outra durante o próximo mês, com uma dimensão semelhante, quer em termos dos meios empregues quer quanto ao seu tempo de duração.

Durante o Inverno, as missões não deverão realizar-se devido às condições do mar habitualmente revoltoso que, aliado aos numerosos recifes e baixios, torna o desembarque nas ilhas difícil e perigoso.